

IN MEMORIAM



Ana Luísa Amaral
(1956-2022)

Ana Luísa Amaral (1956-2022): Um testamento poético de humanidade

Galardoada em 2021 com o Prémio Reina Sofia de Poesia Ibero-Americana, Ana Luísa Amaral é a poetisa portuguesa contemporânea que, depois de Sophia de Mello Breyner Andresen, tem granjeado maior unanimidade junto da crítica especializada e do público em geral, como aliás comprovam as dezenas de prémios e distinções que recebeu nos últimos anos, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Nascida em Lisboa, mas a viver desde muito nova nos arredores do Porto, em Leça da Palmeira, Ana Luísa Amaral publicou o seu primeiro livro, intitulado *Minha Senhora de Quê*, em 1990, quando já era docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se licenciara em Germânicas, e onde viria a doutorar-se, em 1996, com uma tese dedicada à poetisa norte-americana, Emily Dickinson.

Depois dessa estreia relativamente tardia, Ana Luísa Amaral nunca mais deixaria de publicar regularmente poesia, fazendo-o sempre a par da docência, da investigação e da produção ensaística centradas sobretudo nos Estudos feministas, dos quais foi uma das principais impulsionadoras na academia portuguesa, tendo sido coautora do *Dicionário de Crítica Feminista* (2005), além de mentora e responsável por um projeto científico de âmbito internacional em torno das *Novas Cartas Portuguesas*, uma obra escrita a seis mãos, pelas escritoras Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. A sua investigação nas áreas da escrita feminina, das intersexualidades ou das relações entre poesia e ciência - reunida em parte no volume *Arder a Palavra e outros incêndios* (2018) -foi levada a cabo, ao longo de mais de duas dé-

cadás, no âmbito do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, cuja direção integrou.

Além dos 17 livros de poesia publicados entre 1990 e 2021, Ana Luísa Luísa Amaral foi autora de um livro de ficção (*Ara*, 2003), de uma peça de teatro (*Próspero morreu*, 2011), de vários títulos de literatura infanto-juvenil, de que se destacam *A História da Aranha Leopoldina* (2000), *Como tu* (2012) e algumas adaptações de clássicos da literatura portuguesa, como é o caso de *A Relíquia* (2008), a partir de Eça de Queirós, ou *Auto de Mofina Mendes* (2008), a partir de Gil Vicente, e ainda de vários livros de tradução, que naturalmente incluem a obra de Emily Dickinson -que haveria de constituir uma referência tutelar do seu pensamento e da sua poesia-; duas outras autoras amplamente galardoadas -Louise Glück e Margaret Atwood-; e ainda Shakespeare e John Updike, ente outros.

A voz poética de Ana Luísa Amaral ficou no início muito marcada por um registo aparentemente trivial, então pouco comum na poesia portuguesa, que conferia visibilidade ao quotidiano doméstico tradicionalmente associado às mulheres, e à sensibilidade para os meandros do concreto, e muito em especial também, à sua própria condição de mãe, com a sua única filha -Rita- a ser origem e destinatária primeira de vários de alguns dos seus mais conhecidos poemas, como é o caso de “Testamento” (in *Minha Senhora de Quê*) ou de “Um pouco só de Goya: carta a minha Filha” (in *Imagias*). Todavia, essa é apenas uma das facetas da sua poesia, que convirá não estereotipar, porquanto Ana Luísa Amaral soube sempre entretecer com muita mestria o plano vivencial, que não apenas ou expressamente autobiográfico, com uma vasta cultura literária, conjugação essa que a levaria a enveredar por uma releitura criativa, quer na linha, quer ao revés da tradição lírica ocidental. Nesse sentido, os seus poemas dialogam sempre, explícita ou implicitamente, com outros poemas, com outras expressões artísticas e com outras narrativas mais ou menos canónicas, de base mitológica ou bíblica, como acontece por

exemplo, e de forma mais continuada, em *Às Vezes o Paraíso* (1998), *A Génesis do Amor* (2005) ou em *Ágora*, um dos seus últimos livros, publicado em 2019.

Cidadã muito atenta e empenhada nas grandes causas da igualdade e do respeito pela diferença, da justiça social e do cuidado pela Terra enquanto “casa comum”, Ana Luísa Amaral soube urdir uma obra que nunca se debateu com uma incompatibilidade entre a estética e a ética, se bem que a aliança entre essas duas dimensões se tenha tornado mais evidente nos últimos livros, quanto mais não fosse devido à forte inquietação provocada pelo estado actual do mundo.

Traída por doença tão repentina quanto implacável, Ana Luísa Amaral não chegou a desmobilizar dos seus muitos projectos de escrita e das diversas solicitações a que procurava corresponder. Embora não tenha tido tempo para preparar a sua própria posteridade, tudo aquilo que escreveu e o modo intenso e inesquecível como se entregou à partilha dos seus próprios poemas ou poemas de outros autores, nas suas múltiplas leituras em Portugal e em vários outros países e continentes, assim como num programa de rádio de culto - *O Som que os Versos Fazem ao Abrir* (Antena 2) - dedicado expressamente à leitura comentada de poesia de diferentes poetas portugueses e estrangeiros- constituem o mais amplo, expressivo e tocante testamento poético de uma Mulher, nascida no século XX, mas de olhos postos nas possibilidades de um futuro imaginado à escala da(s) humanidade(s). Por outras palavras, um futuro do tamanho de “Utopias respiráveis”, como aquela que Ana Luísa Amaral deixaria registada num poema homónimo do seu primeiro livro, onde reescrever o mito de Teseu significa apontar a alternativa da acção libertadora levada a cabo por “sábios minotauros inspirados”.

ANA PAULA COUTINHO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa